

## **Mercosul chega aos 20 anos tentando superar divergências**

O Mercosul completa 20 anos. A data, mais do que um marco histórico, abre espaço para reflexão sobre tudo o que mudou no cenário regional desde a assinatura do Tratado de Assunção que oficializou a criação do bloco em 26 de março de 1991. Nesse período, a economia brasileira quintuplicou de tamanho—o Produto Interno Bruto (PIB) saltou de US\$ 386,2 bilhões em 1991, para US\$ 2,07 trilhões no passado. A inflação, que chegou a bater 1.476% no final de 1990, hoje está na casa dos 6%. O comércio exterior deu um salto: as exportações cresceram 542,7%, saindo de US\$ 31,6 bilhões em 1991 para US\$ 201 bilhões em 2010—com alta de 88% no superávit comercial.

E é justamente nesse gigantismo dos números brasileiros que residem alguns dos principais entraves para o sucesso do Mercosul. “A disparidade de tamanho dos países, como Brasil muito maior que todos os outros, é o grande gargalo do bloco”, afirma José Augusto de Castro, vice-presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB). De fato. Quando se faz a mesma análise com os números dos parceiros do Mercosul — Argentina, Uruguai e Paraguai—o ritmo de expansão fica bem mais modesto. O PIB da Argentina, que é a segunda maior economia do bloco por exemplo, cresceu 52% desde 1991. Já Paraguai e Uruguai tiveram, respectivamente, expansão de 26% e 20%. Somados, os PIB dos três representam apenas 17% do brasileiro.

### Histórico complicado

“No início, o Mercosul fez grandes avanços”, diz o ex-embaixador brasileiro Rubens Barbosa. Os problemas, diz, começaram com a criação da Tarifa Externa Comum (TEC), em 1994. Ela coincidiu com a criação do Plano Real, que atrelou a moeda brasileira ao dólar — copiando modelo que havia sido implementado pela Argentina em 1991, quando o chamado Plano Cavallo tornou o peso conversível com o dólar. Depois vieram as crises internacionais — a mexicana entre 1994 e 1995, a asiática em 1997 e a russa, em 1998 — e as regionais. A má desvalorização do real, em janeiro de 1999, caiu como uma bomba nos parceiros, especialmente na Argentina que passou a acusar o Brasil de deslealdade cambial. Mas, em 2001, depois de uma forte turbulência econômica e política que levou à renúncia do então presidente Fernando de la Rúa, o país acabou com seu plano de conversibilidade.

### Disputas comerciais

Barbosa resume assim: “até o final dos anos 1990, o Mercosul conseguiu avançar, mas a partir dos anos 2000, começou a fracassar”. Um dos motivos está na estruturação jurídica do bloco, que instituiu um sistema de união aduaneira em vez de uma área de livre comércio — como o Nafta, por exemplo. Isso impede que o Brasil negocie acordos comerciais diretamente com outros países. Tudo tem de ser em bloco. “Por causa da Argentina, acordos com parceiros importantes como

União Europeia, não saem do papel”, diz Castro, lembrando que os tratados com África do Sul e Israel, fechados recentemente, são quase que insignificantes para o Brasil.

Do lado de lá, a Argentina se defende. “Trabalhamos para evitar controvérsias e quando elas existem, dever ser negociadas”, afirma o embaixador da Argentina no Brasil, Juan Pablo Lohlé. Na prática, não é bem assim “A Argentina é o país que perfura o Mercosul. Ela destruiu sua indústria e agora quer reconstruí-la. Está no seu direito, mas isso não pode prejudicar os interesses comerciais brasileiros”, afirma Barbosa.

## **O descompasso do Mercosul**

O principal projeto da política externa brasileira está agonizando. Lançado há 20 anos com a proposta de integrar política, econômica e comercialmente Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai, o Mercosul tenta sobreviver como um paciente terminal à espera de uma vacina milagrosa. Enquanto aguarda por um tratamento, busca se manter de pé em meio aos barracos armados pelos presidentes Néstor Kirchner e Lula. Do lado de lá, os argentinos tentaram este ano bloquear a entrada de geladeiras, calçados, automóveis e até chocolates brasileiros em seu território.

Dizem que a insistência do Brasil em querer liderar o grupo tem motivação imperialista. Por isso, tentam minar a influência de Lula pressionando os sócios a aceitar o mais rápido possível a entrada da Venezuela no bloco. Dono da quinta maior reserva de petróleo do planeta, o país não chega a ser um problema para o Brasil, mas a chegada de afogadilho de Hugo Chávez no Mercosul evidencia quão pouco se avançou na sua formalização econômica e jurídica. Como há pouco ou nada em comum entre os membros, por que não receber mais um, sem qualquer preparação? E as bravatas antiamericanas de Chávez, que provocam mal estar no Itamaraty, se encaixam perfeitamente com o estilo confrontacional de Kirchner.

Preso em suas contradições, o Mercosul, da forma como foi concebido em 1991, parece não existir mais. Brasil e Argentina têm visões muito diferentes e a falta de afinidades é tão aguda que chega a provocar incidentes diplomáticos que dificultam qualquer tratativa entre os sócios. Os argentinos culpam o Brasil pela falta de competitividade de sua indústria e exigem a adoção de salvaguardas cada vez mais contrárias ao espírito de integração comercial. Do lado de cá, acumulando um superávit de mais de US\$ 3 bilhões com os vizinhos, o governo brasileiro busca justificativas políticas para explicar a malcriação que sai dos corredores da Casa Rosada. Esse vai e vem impediu o Mercosul de conquistar uma unidade econômica mais sólida e uma relação diplomática mais coesa. Sem ambiente para resolver ao menos as disputas internas, não é surpresa que o bloco não consiga avançar nas negociações com EUA e União Européia.